



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVOLÚCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

31 de Julho de 2010 • Ano LXVII • N.º 1732
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

«UM CORAÇÃO QUE VÊ»

Padre João

É sempre com uma emoção especial que se proclama e se escuta a parábola do Bom Samaritano. O mundo parece que, repentinamente, nos cai nas mãos: «vai e faz o mesmo». Se num simples contexto antropológico ficamos comovidos, como não dizê-lo do contexto eucarístico celebrativo da nossa fé?... O mundo precisa de terapia e escasseiam os samaritanos.

De facto, a parábola, tão conhecida e tão sugestiva, ao escutá-la, parece-nos sempre a primeira vez que a ouvimos. Traz-nos sempre algo de novo; de radicalmente novo – o que ainda nos falta fazer.

A parábola do Bom samaritano é um paradigma do agir dos cristãos de todas as gerações: «Vai e faz o mesmo». Bento XVI não deixou de o recordar quando da sua visita a Portugal classificando-a como normativa para a acção pastoral e social da Igreja: «Um coração que vê». O olhar do coração é o mais acutilante dos olhares. Acutilância e comoção são suas constantes invariáveis. E nelas o samaritano se mostrou mais mestre que os doutos de Israel. De facto, ele, que pouco ou nada sabia das leis de pertença religiosa do povo judeu, nem dava grande importância ao lugar sacrossanto do Templo, tinha inscrito no seu coração a mais santa, a mais bela de todas as leis: «Vai e faz o mesmo» – a Caridade.

O bom samaritano parece-nos, num movimento único, compassivo e competente: atitudes indispensáveis a quem anda nestas áreas do “humano”. Juntou à misericórdia a competência: «desceu da sua própria montada, aproximou-se e ligou-lhe as feridas com azeite e vinho...». Usou os recursos terapêuticos mais conhecidos e eficazes da época para casos semelhantes. Depois, num rasgo de audácia sem precedentes: «colocou-o na sua própria montada e fê-lo seguir para a estalagem mais próxima». Lá o deixou com um solene aviso ao estalajadeiro: «trata bem dele e o que tiveres gasto a mais pagar-te-ei quando regressar...» Dizem os estudiosos da Bíblia que nunca se soube o nome deste homem magnânimo... que bem pode representar a humanidade no seu melhor, em todos os tempos e em todas as latitudes. As primeiras gerações de cristãos, contudo, não deixaram de ver nele um ícone da misericórdia de Deus revelada em Jesus Cristo, o Bom Samaritano da humanidade que veio ao nosso encontro como Médico Divino para nos curar; para nos redimir. Tão feridos andávamos e de tantos assaltos que aviltam a dignidade humana e divina, estávamos reféns.

Outras interpretações ganharam corpo em S. Francisco de Assis, S. João de Deus, S. Vicente de Paulo, ou Teresa de Calcutá. As suas vidas são expressão eloquente desta entrega divina de Cristo Bom Samaritano.

Num rasgo, que ultrapassa o simples exercício de uma missão solidária, a Sagrada Liturgia proclama como nenhum outro saber ou praxis, a verdadeira missão do Bom Samaritano, tal como no-la apresenta, em contexto eucarístico, o Prefácio VIII do Tempo Comum. É nele que se descobre a verdadeira identidade do Bom Samaritano: «... é verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação louvar-Vos e dar-Vos graças em todos os momentos da nossa vida, na saúde e na doença, no sofrimento e na alegria, por Cristo vosso servo e nosso Redentor. Na sua vida mortal, ele passou fazendo o bem e socorrendo todos os que eram prisioneiros do mal. Ainda hoje, como bom samaritano, vem ao encontro de todos os homens atribulados no corpo ou no espírito e derrama sobre as suas feridas o óleo da consolação e o vinho da esperança. Por este dom da vossa graça, também a noite da dor se abre à luz pascal do vosso Filho crucificado e ressuscitado...». □

BENGUELA

Padre Manuel António

Festa da Obra da Rua

CELEBRAMOS a festa da Obra da Rua, no dia em que Pai Américo morreu. Foi no dia 16 de Julho de 1956. O dia do seu nascimento para o Céu. Por isso, toda a grande família, iniciada no seu coração de Pai, guarda este dia como um tesouro de muito valor. Em todos os ramos da árvore Obra da Rua, plan-

tada pelo Pai do Céu no coração de Pai Américo, os passarinhos cantam o hino festivo de acção de graças. Nas Casas do Gaiato, desde Portugal a Moçambique, a festa tem um cariz especial. É o dia do grande encontro dos filhos que ainda estão dentro e os filhos que já deixaram a casa paterna e vivem a sua autonomia. Daí



nasce a riqueza humana que, em parte importante, enche de beleza o acontecimento.

Ainda não temos em Angola o ramo que cobre os doentes incuráveis: O Calvário; a coroa desta árvore que é a Obra da Rua. Quem nos dera chegasse a este povo! Andam pelas ruas, sem morada nem família. O hospital não é o seu lugar, porque não têm esperança de cura. Está certo. Mas, onde vão viver até ao fim dos seus dias? Onde vão morrer? Já que não tiveram uma vida humanamente digna, não podem morrer com dignidade? Vão fechar os seus olhos e os seus corações vão parar debaixo das árvores e nos vãos das escadas. São portadores do mesmo valor que cada um de nós tem! Quão necessário é que este ramo da Obra da Rua se estenda a Angola! Pode ser outro com o mesmo sinal. O Amor chama. Bate à porta e diz: «Deixa a tua terra, teu mundo, preciso de ti! Vem, abandona a tua casa, te quero falar. Eu preciso do teu amor». E muito mais ouviríamos se nos dispuséssemos a ler o livro da nossa experiência, da nossa história, pois é lá que está escrito o caminho da nossa realização pessoal, na nossa verdadeira felicidade. É uma sugestão.

Continua na página 4

O ESPAÇO COMO FACTOR DE ADEQUAÇÃO E FORMAÇÃO NAS CASAS DO GAIATO

Continuação do número anterior

NOTA DA REDACÇÃO: Como tínhamos prometido no número anterior d'O GAIATO, segue neste, a última parte da comunicação do Prof. Doutor Ernesto Candeias Martins, especialista em Ciências da Educação e Director da Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

ANALISEMOS a estrutura vectorial do(s) espaço(s) no contexto das Casas do Gaiato:

a.) O primeiro vector é o da ‘territorialidade’ ou experiência territorial que os Gaiatos experimentam quando interagem com os espaços, contribuindo com funções sociais e culturais. Observando os espaços de referência das Casas do Gaiato eles permitem que os Gaiatos adquiram pautas de comportamento e atitudes relacionadas com uma conduta coerente (características pessoais) com o espaço (sentido de família, de comunidade, de convivência e amizade, de apren-

dizagens em serviço, ...). A territorialidade regula a organização social da Casa e favorece ou inibe determinados comportamentos e condutas dos Gaiatos. O sentido de pertença a um lugar concreto ajuda o Gaiato a sentir-se em família, na sua Casa e, consequentemente, a adquirir hábitos de conduta e melhoria nas interações com os outros. De facto, é essa territorialidade que nos permite interpretar a potencialidade educativa e social dos espaços dentro das Casas do Gaiato na base do tipo de relações que se estabelecem entre eles (comunidade) e entre o Gaiato com o próprio espaço.

b.) O segundo vector é a quotidianidade do espaço enquanto âmbito estratégico desvelar o emaranhado situacional dos Gaiatos com a disponibilidade de condições e recursos. É a dimensão praxiológica diária das Casas onde incluímos os lugares frequentados pelos Rapazes, as situações escolhidas e/ou preferidas com a confluência das práticas com as estruturas de pensamento (Duch y Mélic, 2005). O espaço constitui o cenário de reprodução de hábitos, de inovações e de melhoria comportamental. Trata-se de um desafio pedagógico de difícil apreensão e de objectividade, mas integra uma série de acções, de actos visíveis e reflexos de inquietações e desejos desse emaranhado interior dos Gaiatos a educar. As observações que fazemos do quotidiano das Casas permite-nos detectar os sentidos, as representações e os significados de todas as experiências diárias dos Rapazes.

Continua na página 4

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

O MOVIMENTO DA NOSSA CONFERÊNCIA — Depois da fusão das nossas Conferências Feminina e Masculina e agora já a trabalhar em pleno, Vicentinas e Vicentinos, naturalmente mais em conjunto do que anteriormente, gostávamos de dar aos leitores uma ideia resumida dos casos que acompanhamos. Com variações ao longo do tempo, a ordem de grandeza é de cerca de 40. Para os que ajudamos em termos monetários, estão a ser mais de 1000 euros por mês. No conjunto do ano o valor dispendido acaba por ser substancialmente superior ao que resulta desta verba mensal porque há outras despesas, nomeadamente, as que temos com a manutenção das Casas do Património dos Pobres, a ajuda a auto-construtores, o apoio a Conferências Vicentinas vizinhas com menos recursos e despesas extraordinárias que surgem sempre.

Estas e outras ajudas a algumas das famílias que acompanhamos quase nunca lhes pagam os remédios todos, ou outras despesas que a família tenha. São um apoio para cobrir o que não têm capacidade para pagar e um incentivo para que se esforcem e arranjam o resto. Como seres humanos que somos, podemos errar nos juízos que fazemos sobre cada situação, mas a intenção não é essa. Nos últimos dias tivemos mesmo um caso, onde foi preciso usar argumentos mais convincentes do que a nossa simples capacidade de persuasão, para levar uma das famílias que acompanhamos a realizar uma tarefa que se impunha para melhorar a situação em que está, certamente com a nossa ajuda, mas sem prescindir da parte que ela pode e deve acrescentar do seu lado. O assunto ainda não está completamente arrumado, mas felizmente está bem encaminhado.

Não poderíamos fazer o que fazemos, sem a preciosa ajuda dos nossos Leitores. Bem-hajam por isso e que Deus nos ajude a darmos bom uso aos recursos que nos confia.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

ENCONTRO DO DIA DE PAI AMÉRICO — Que melhor homenagem poderíamos fazer ao Pai Américo, que a reunião dos seus filhos para comemorar o dia em nasceu para o Céu? Assim foi o Domingo de 18 de Julho de 2010, o encontro-convívio dos antigos gaiatos e suas famílias, mas estendido a todos os que se sentem ligados a nós de alma e coração que vieram de Norte a Sul do País e nos honraram com a sua presença em Paço de Sousa, para viverem um dia intenso de emoções e vivências que avivam o sentimento único de pertença a esta grande Família gaiata e de desta forma singela dão o seu testemunho que a Obra da Rua cumpriu e cumpre o objectivo final do Pai Américo «fazer de cada rapaz um Homem».

Do programa delineado, também de louvar a contribuição dos mais novos para a festa que também é deles e para eles com a organização do almoço coordenado com carinho pelo Padre Júlio.

De referir o jogo de futebol com os mais novos que este ano tiveram de correr mais para levar de vencida a equipa menos jovem.

Assim foi o nosso dia, simples, mas que nos leva a reflexões profundas sobre a dimensão da Obra da Rua no seu todo, concretizada por um homem pacífico e revolucionário no seu tempo que trouxe o desassossego aos corações do povo português.

Saibamos honrar o legado de Pai Américo, dando o nosso contributo a todos os que têm agora a dura responsabilidade de manter viva a pedagogia e o modelo de educação com provas dadas ao longo de 70 anos, e que alguns, poucos felizmente, não compreendem, porque como diz o actual director da Obra da Rua, Padre João Rosa, apenas nos vêm “esporear” e não vêm com olhos de ver que somos uma família como as outras, apenas mais numerosa.

ASSEMBLEIA-GERAL — Decorreu pelas 09:00, do dia 18 de Julho, no salão de festas da Casa do Gaiato, a reunião magna dos associados. Estiveram presentes cerca de 30 associados a quem de forma circunstanciada, foi explicada a orgânica, os objectivos e os projectos imediatos e futuros, assim como se prestou contas da actividade corrente e foram votados os vários documentos obrigatórios constantes dos estatutos, nomeadamente, o plano de actividades, o balanço e o orçamento para o ano seguinte. Foram efectuados alguns esclarecimentos do “modus operandi” da Associação. Quanto ao acto eleitoral previsto, este não se realizou, por não haver listas candidatas. No entanto, os associados presentes na assembleia geral, decidiram por unanimidade reconduzir os actuais órgãos sociais por mais 2 anos. A Assembleia terminou assim, com o agrado dos Associados que souberam reconhecer o esforço e a dedicação que os representantes dos órgãos sociais emprestam à Associação muitas vezes, à custa do sacrifício das suas vidas pessoais e familiares, o que nos sensibilizou a todos e nos anima a continuar.

INAUGURAÇÃO DA LOJA SOCIAL — No primeiro Domingo de Agosto, temos já, a tão ansiada loja social a funcionar. Para assinalar o dia, convidamos todos os associados e respectivas famílias a comparecer na sede, da parte da tarde, trazendo a sua merenda para partilhar entre todos, pois música e animação não vão faltar. De referir ainda as várias ofertas que Manuela Gonçalves, de Santo Tirso, fez questão de nos ofertar, brindando-nos com a sua visita. Um muito bem-haja.

FESTA DO EMIGRANTE — Como já vai sendo tradição, vamos homenagear os gaiatos, que espalhados pelo mundo, labutam o seu sustento. Assim, apelamos aos antigos gaiatos que estejam de férias no país, para marcarem presença, no almoço partilhado por todos, no Domingo 22 de Agosto, pois queremos proporcionar um salutar convívio fraterno. □



Profissão de Fé da Daniela, filha do Carlos Mendes, «Tiroliroló».

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

16 DE JULHO — Há 54 anos, partiu para o Céu o nosso Pai Américo, no Hospital de Santo António, Porto, com 68 anos, depois de um acidente de automóvel em S. Martinho do Campo (Valongo). Vários Rapazes (Feliciano, Paulo, Arménio e Fábio) foram à Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde houve Eucaristia, às 12h00, presidida por D. Manuel Clemente, e almoço com a Comunidade e os nossos Padres. O Sr. Bispo do Porto fazia 62 anos! Foi um dia de festa, no encontro de todos e com amizade! Em nossa Casa de Miranda do Corvo, também foi celebrada Missa nesse dia. A 18 de Julho, Domingo, alguns Rapazes (Diogo Silva, Grazina, Joel e Francisco) foram à Missa Nova do Padre Bruno, em Galegos (Penafiel), terra natal de Pai Américo. Nesses momentos, foram com o nosso Padre Manuel e muito bem recebidos. Muitas felicidades!

PISCINA — A nossa piscina tem sido um quebra-cabeças, por falhas de construção. A parede exterior apresenta fissuras. Na casa das máquinas, teve de se rasgar janelas para ter acesso às tubagens, que se vão estragando com os pro-

duto, e depois exigiram substituição. Os ladrilhos têm-se soltado. Manter a água em bom estado tem sido difícil.

VIDA ESPIRITUAL — Mesmo em férias escolares, não podemos esquecer Jesus. Assim, a 17 de Julho, Sábado, o Sr. Padre Rolando veio a nossa Casa para celebrar o sacramento da Confissão. Os mais pequenos também aproveitaram para falar com o sacerdote. Devemos ouvir bons conselhos!

FESTAS — Voltamos a lembrar aos Amigos, da região de Aveiro e de todo o País, que a 19 de Setembro, Domingo, às 15.00h, apresentaremos uma Festa — Encontro, no Centro Cultural e de Congressos. Há muitos anos que os Gaiatos de Pai Américo não têm pisado um palco dessa bonita terra. Era bom que estivessem presentes muitos dos nossos Amigos. Aos nossos leitores pedimos que divulguem o nosso espectáculo.

ESCOLA DO 1.º CICLO — A informação é oficial e ficámos contentes, apesar de tudo: a nossa Escola do 1.º Ciclo da Casa do Gaiato tem auto-

rização para funcionar no ano lectivo 2010/2011, mas apenas com duas turmas (2.º e 3.º ano). Os Rapazes do 1.º e 4.º ano têm de ir estudar para fora...

SECAGEM DA ROUPA — Depois de grandes esforços, foi encomendada uma máquina de secar roupa, que virá em Setembro. É muito necessária nas estações húmidas, pois é grande a quantidade de vestuário que é lavada diariamente. Aos nossos Amigos que nos ajudam, o nosso muito obrigado!

AGRO-PECUÁRIA — O calor tem-se feito sentir muito e a fonte é bastante apetecida, até por pessoas de fora que vêm buscar da nossa água. A plantação de alfices, no pomar, desenvolveu-se bem; e tem dado para as saladas. As ervas daninhas e as canas atrás das oficinas foram cortadas. A rama das batateiras, na terra nova, foi cortada e andou-se na apanha da batata, em especial os mais pequenos, pois alguns cresceram e ficaram ronha... Uma senhora amiga, duma empresa da zona, tratou de receber os nossos grandes porcos, para carne, pois estavam muito gordos. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Chiquito-Zé

ENCONTRO ANUAL — Mais um encontro anual terminado! Este teve a juntar o encerramento das comemorações dos nossos 25 anos e, talvez por isso, notou-se mais a falta dos que não vieram. Não sou da opinião de que só faz falta quem está. Somos família, somos irmãos. A falta de cada um de nós aos encontros deve entristecer-nos. Os encontros deviam ser motivo de alegria, de partilha das peripécias anuais, de reencontro. Os mais velhos começam a ter outras prioridades: são os filhos; são os netos; são as festas do lugar; são os compromissos assumidos... Há-de haver alguém que os lembre que o nosso encontro devia constar da agenda anual. Para o ano não se esqueçam! Será, em princípio, no último domingo de Junho, dia 26. Marquem já na vossa agenda que é para estarem livres.

Vieram alguns dos mais novos.

Foram servidos e foram embora. Não participaram!

Antes de perguntarem o que é que a Associação pode fazer pelos gaiatos, actuais e antigos, perguntem-se qual o vosso próprio contributo? Como ajudar? O que é cada um pode fazer? Felizmente há excepções. Gente que participa, que dá um pouco de si e que não tem mãos a medir para que o almoço e o lanche estejam prontos a tempo e horas. Gente como o Paulo Neves, de gaiato o «Barreira», que, apesar de ter um compromisso profissional longe, fez questão de vir e estar presente, nem que fosse por momentos. O Paulo que já tinha oferecido os cartazes mandados fazer para a Expo-Miranda. Gente que se disponibiliza para fazer parte dos órgãos sociais mesmo que isso implique prejuízo da sua vida particular.

Das eleições, que não houveram por

falta de candidatos, mantêm-se os elementos que estavam, substituindo-se os que faltaram, ambos no Conselho Fiscal, entrando o Machado e o João Hingá.

Das comemorações há a destacar a presença do Sr. Dom Albino, bispo de Coimbra, a presidir à Eucaristia e a sentar-se à nossa mesa. Da presença do Dr. Ernesto Candeias Martins na sessão solene promovida no auditório municipal. Foram dois momentos altos, só partilhados por alguns e que preencheram o dia, deixando pouco espaço para outras actividades. *Mea Culpa!*

Dia 19 de Setembro há outro encontro. Este terá como programa a visita à aldeia do Gondramaz e almoço partilhado na Quinta da Paiva, terminando com a visita à Feira do Mel. A concentração será às 10 horas frente à Câmara Municipal de Miranda do Corvo. Lá vos esperamos! □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Sinfonia do crepúsculo

NUMA Comunidade como a em que vivemos, que é um fiozinho do grande lençol do Povo de Deus, a hospitalidade do nosso restinho é um sinal de que não é palavra vã nas entranhas destes filhos da Igreja. Quando alguns poderosos, procurando outros interesses, pretendem dominar a Caridade, como ela *tudo suporta*, a confiança é transmitida pelo Mestre: “*Não temais, pequenino rebanho*” (Lc 12,32).

Ruminávamos tais lucubrações, quando, ao entardecer, na sala de jantar, quatro dezenas de *bicos* devoravam, por entre conversas de galitos, uma nutritiva sobremesa de deliciosos iogurtes, que a Providência se encarregou de nos presentear, através de gente amiga, *espraiada entre pinhais, rio e mar...*

Mesmo em frente a uma varanda, ergue-se uma suntuosa palmeira. O seu raizame fortíssimo, qual teia por baixo do jardim e calçada circundante, alimenta uma valente copa que mais parece um espaço multiusos, para algumas aves que neste recanto encontram abrigo seguro.

A presença das pombas tem alguns benefícios, pela serenidade e beleza que inspiram, tão do agrado da pequenada. Contudo, é melhor que deixem os telhados em paz e escolham aquela pousada; pois, com o Inverno húmido que passou, os seus rastos entupiram a circulação das águas pluviais e algumas paredes enegreceram.

Pelo bem destas construções, é bom que se aconcheguem no seu cume, de folhas grandes, embora

as lacínias sejam pontiagudas. Porém, quando secam e os ventos as agitam, caem desvairadas, tal como alguns ovos, que se estatelam no chão. Curiosamente, o caule daquela palmácea até acolheu a germinação e crescimento de uma figueira, sem dúvida nenhuma pelas folhas que pendem, para espanto dos passeantes.

Nesse dia, como noutros, quando o Sol se vai aninhando no dorso da serra que o Ceira serpenteia, escutámos mais atentamente uma sinfonia do lusco-fusco, com uma orquestra de asas. Conforme a claridade vai afrouxando e a nossa sineta anuncia o encontro das contas do Terço à garotada, desencadeia-se um chilrear tão



SETÚBAL

Padre Acílio

Gaiatos antigos

NO último número, não me foi possível descrever a beleza e o calor do encontro anual dos antigos gaiatos desta Casa, realizado no Domingo a seguir ao 1 de Julho, aniversário da mesma.

Alguns vieram de véspera para ajudar! São sempre os mais chegados, os que durante o seu crescimento, foram os mais sacrificados, os mais generosos na venda d'O GAIATO e, sobretudo, na condução dos Rapazes, como chefes!

Dando-se, afeiçoaram-se mais à Comunidade e fizeram dela a sua verdadeira Família. Agora trazem os filhos e ensinam-os a tratarmos por avós. Com carinhosos beijos e abraços, acompanhados da doçura de palavras afectuosas.

São ainda muitas as famílias unidas. O divórcio — maldita doença do tempo ateu — não os tem atingido na proporção de outras famílias. Um caso ou outro só confirma a regra.

Na Santa Missa, encheram bem a Capela, e a sala-de-jantar transbordou para o longo e arejado corredor, numa enorme mesa de mais de cinquenta metros de comprimento.

Este primeiro Domingo de Julho, deve tornar-se para todos os que aqui viveram e se fizeram homens, *um dia sagrado*, de descoberta e reforço dos laços que nos unem, de encontro com as Famílias e com Deus!

— Não tenham medo, Rapazes! Olhem que em Casa, com as sobras, ainda preparámos e comemos todos mais duas refeições! A nossa Casa é um milagre da mul-

tiplicação dos pães, sempre actual. Venham ver e saboreiem.

Queremos que a Associação dos Antigos Gaiatos desta Casa, recupere ânimo e que no próximo ano, a refresquemos com nova e dinâmica direcção.

A presença dos Rapazes, que foram da Casa do Gaiato de Lisboa — e que presentemente só tem o nome — é também um convite a todos os outros para que venham aqui e se juntem a nós. Não se sintam órfãos, que a Obra da Rua a todos acolhe como filhos, sendo esta Casa também a vossa.

Férias

NO mês de Julho, a maioria dos Rapazes entra de férias. Ficam alguns com exames do 9º ano, do 12º e da Universidade.

Como desenvolvemos alguma actividade agrícola e pecuária e mantemos a vida toda: - são alguns os rapazes chamados a chefias que surgem na vida corrente, com toda a naturalidade.

É a Praia que tem de ser comandada e a vacaria cujo encarregado entra de folga.

Os nossos leitores sabem todos que possuímos na Arrábida, junto do Portinho, encostada na Serra, uma belíssima casa com vistas para o mar e a montanha, com uma larga e alta explanada, frondosas buganvílias, cuja sombra acolhe os rapazes no almoço e durante as horas de calor e recreio.

É um sítio verdadeiramente paradisíaco.

O indigitado para a chefia deste

grupo foi o Patrício: — Aceitas, Patrício, chefiar a Praia?

— Sim Senhor!

Não me admira que Jesus tenha olhado com ternura para o jovem rico propondo-lhe mais!

Estes sims criam fundura interior e relacionam-nos em níveis de mais forte confiança. — Então, escolhe um ajudante.

Ele escolheu e veio propor-me:

— É o Danilo Vezo.

— Aceito — disse-lhe.

Lá têm estado ambos como senhores das férias dos Rapazes, revelando-se e revelando-nos.

O Danilo é mais velho, mais inteligente e com uma capacidade inata de liderança que não se compara nada com a do seu chefe.

São ambos inteligentes, dedicados e amigos. Assim, têm realizado um trabalho de formação dos seus irmãos, verdadeiramente notável.

As Senhoras que os acompanham não se cansam de lhes rasgar elogios quando se encontram comigo, de fugida, enquanto descarrego géneros alimentares, as caixas, roupa suja, etc.

Só lá tenho ido celebrar ao Domingo. Tudo tem sido feito por eles.

A D. Celeste veio de Castelo Branco para dar a sua maternidade aos rapazes durante a praia e ajudar assim as nossas sobrecarregadas senhoras. A D. Lina, ao longo do ano, é a nossa cireneu e catequista e, durante dois meses, partilha a sua vida e a sua Família connosco, na Arrábida!

Auxílios dados com espírito sobrenatural e assumidos de coração elevado para Jesus Cristo — O Nosso Senhor!... □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

ESTAMOS no pino do Verão. É tempo de férias. Os nossos Rapazes, alheios a tantas preocupações que nos inquietam, pensando, como é natural, nos seus desejos, desde o início do mês que não falavam de outra coisa: «Quando é que vamos para a praia?»

É a ânsia dos mergulhos no mar, é a fome das correrias e dos jogos na areia, das horas despreocupadas que enchem quase todo o dia... Sabor a liberdade... Algumas horas ficarão reservadas para servir essa porção da Comunidade deslocada na nossa casa da praia. Não há criados: é tudo d'Eles, por Eles, para Eles.

Sim, isto é uma verdade.

Mas há uma outra que a sustenta: é a necessidade de Senhoras que os acompanhem. Aquelas que se dão a Eles pela inteira confiança que as anima n'Aquele que lhes diz: lançai as redes e tereis pesca abundante! Sim, a pescaria entre nós tem também presente o toque feminino, imprescindível para o crescimento dos Rapazes.

Mas eis que, sendo escassos os padres, há outro sinal

destes tempos: também rareiam Mulheres que confiem na Palavra do Mestre e, à Sua voz e em união com Ele, lancem o dom da sua vida no grande mar das crianças sem Mãe.

É muito difícil levar a Cruz! Mais, é muito difícil perceber e acreditar como é importante levar a Cruz! «Quando o Filho do Homem voltar, encontrará fé sobre a terra?»...

Foi num mês de Julho, há mais de uma década, que partiu desta Casa para o Céu, uma das Senhoras da Obra da Rua. Pai Américo dera-lhe a garantia de que teria pela frente uma vida gloriosa. Ela, confiante, deixou o seu trabalho de professora, pôs-se a caminho e encontrou o Caminho para a Vida.

Foi a D. Virgínia.

Outras Donas Virgínias virão e seguirão os seus passos, rejeitando alegremente as ilusões do mundo e abraçando a única realidade que merece ser amada, aqui, na criança pobre, também de afecto maternal. □

intenso, em que sobressaem os sons cruzados, emitidos pela passarada, mais pequena e refilona. As mansas pombas, que lá repousam, não se inquietam tanto e acolhem bem os passarinhos.

Isto parece acontecer em contraponto a esta Família, cujo céu aquelas aves embelezam. Na verdade, embora ainda tenham muita energia, mesmo ao cair da tarde, uma boa fatia destes filhos, de tez negra, são pequenitos e, por isso, se recolhem bem cedo.

Entraram em catadupa na vida desta Casa, também por mazelas físicas, mas chegaram, vêm e vencem.

Foram acolhidos com alegria e simpatia! Se algum ciu-

zito houvesse, a sua pequenez e encanto prende quem deles se aproxima. E tem sido visível a disponibilidade de alguns, para as lavouras, como na apanha da batata, e nas lides domésticas.

Tem telefonado bastas vezes, muito aflita, uma jovem mãe de um pequenito nosso, a quem temos ajudado, temendo pela sua extradição. Precisa de renovar o visto e não consegue arranjar trabalho. Através deste filho, será possível segurá-la, pois a Lei não será dura.

Se, depois das Descobertas, teremos colonizado esse povo, qual manta de etnias, neste tempo têm sido eles a conquistar-nos, fugindo à injustiça que os domina.

Não são tanto estrangeiros que se recebem, mas irmãos acolhidos na pátria que os desvendou ao mundo, quando não se conhecia toda a Terra.

No píncaro daquela robusta palmeira, posto o Sol, finalmente se entendem passaritos e pombas, reinando o almejado silêncio.

Este sinal destas belas criaturas pode avivar a nossa consciência. Toda a pessoa humana tem valor único e deve ser acolhida como uma imagem do Criador, desde a aurora da vida ao anoitecer, que outra Luz brilha com grande esplendor!

Teremos sempre, no nosso coração, um sítio, qual cantinho, para os outros e o Outro Amigo?... □

PENSAMENTO

Pai Américo

A criança tem um grande sentido de justiça e compreende; e é justamente por isso que a maior força de desmoralização entre elas é a injustiça com que as tratam. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

UMA grande lição de humildade, recebi daquele casal que esperou por mim muito tempo e, me veio falar, nos estreitos degraus da entrada, logo que cheguei.

A humildade é uma grande virtude. Muito difícil de conquistar. Todos queremos ser humildes, mas para nos orgulharmos de o ser! E... Lá se vai tudo por água abaixo.

Alguém humilde definiu esta virtude como a verdade.

Realmente, assumirmo-nos como somos e ter consciência exacta e permanente disso mesmo, sem qualquer ilusão, é caminho de humildade.

A auto-estima não é contra a humildade, mas se ela não se basear na verdade, e fugir para a ilusão que o orgulho produz em nós, pode tornar-se um obstáculo ou até mesmo um inimigo.

Encontrei a humildade encarnada numa pessoa e gozar aquela visão, muito me encantou e atraiu.

É tão raro encontrar gente assim!...

Lá me foram relatando a sua amargurada vida. Debaixo da tenda, no passado Inverno, tão rigoroso, não aguentando mais, foram pedir a uns vizinhos, um barracão, para se resguardarem da água e onde têm vivido. Eles, mais os filhos e os netos.

— Agora não posso — disse-lhes — *daqui a uns dez dias, passem por cá.*

Docilmente se retiraram com expressões de muito agradecimento e ternura, deixando-me despedaçado com o que me haviam dito.

Era noite e as luzes do jardim iluminavam-lhes os passos que eu contemplava extasiado e dorido. Ele, há gente a viver muito mal, meu Deus! Como é possível?!...

Isto foi há mais de quinze dias. Voltaram agora ao princípio da tarde.

O sol escaldava e o meu trabalho pressionava-me, mas eu tinha de ir ver. É que o dono do barracão quer que eles saiam, antes do próximo Inverno e eles encontraram umas pocilgas sem telhado, abandonadas, para onde estariam dispostos a mudar-se, se eu as cobrisse com qualquer chapa.

O caminho até às cercanias de Pinhal Novo, não é longo. Lá fomos os três: — ela, ele e eu.

Parámos num monte desocupado e mostraram-me a sua morada: — uma ampla vacaria, de moldes ultrapassados, ainda com manjedoura e larguíssimas portas tapadas com oleados velhos e mal justapostos.

Um fogão a gás a um canto, perto da porta larga, dizia-me que ali era a cozinha. Não havia mesa, nem cadeiras, nem sofás, nem água, nem luz, nem casa de banho, nem nada!...

Os colchões de espuma enrolados nas manjedouras e, alguma roupa arrumada ao lado deles; era toda a sua mobília e riqueza.

Os casais dormiam separados por uns muros de tijolo rebocados com altura de metro e meio, que outrora, apartaram também, os bovinos. A cobertura era de fibrocimento que, como sabemos, é cancerígena. Ao lado, havia ainda ruínas de construção levantadas com adobes de terra, como vi, há poucos anos, em Angola.

Estava feita a ficha da família, mas eu quis ver também o lugar para onde projectavam mudar-se.

É aqui perto de Setúbal, num antigo monte agrícola, também abandonado e, onde já se acoitam algumas famílias da mesma etnia, proclamando-se donos daquele lugar, «já que a senhora presidente», diziam eles, «lhes deu ordem para ali habitarem».

O lugar escolhido pelos meus companheiros, era uma antiga pocilga, sem tecto e cujos muros interiores, já tinham sido derrubados por eles, tapando as primitivas valas de esgoto, com os cacos dos tijolos partidos. «Se eu cobria aquele espaço, para eles viverem ali!...»

A gente arpeia-se com tal estado de ânimo, criado em sucessivo sofrimento, ao longo da vida toda.

Fui-lhes explicando, que as paredes eram muito estreitas — tijolos de onze — seriam muito frias no Inverno e muito quentes no Verão. Não era lugar para qualquer humano viver!...

«Se lho cobrisse com chapas de lusalite ou zinco», para eles, servia.

Dada a carestia de casas, de terrenos e a imposição de leis que marginalizam esta gente, que hei-de fazer?

Contra tudo o que penso, e que o Património dos Pobres e a Obra da Rua sempre defenderam e puseram em prática, vou mesmo pôr-lhes um tecto sobre a pocilga, arranjar-lhes o chão e, naturalmente, criar-lhes espaço para dormirem decorosamente, uma cozinha para confeccionarem alimentos, comerem em família e um sítio para se lavarem e defecarem.

Tenho portas e janelas de alumínio que os Rapazes foram buscar a um senhor, à baixa de Almada e vou lá pô-las. Quero que a cobertura seja isotérmica, isto é, não deixe passar nem frio nem calor!

Como é este mundo?!... Como a mentira campeia!

A uns trezentos metros, levantam-se esmeradas e amplas vivendas, modernas, onde vive gente do mesmo século dos meus pobres!

Como sinto a pobreza material de Jesus e a Sua sabedoria por ter querido nascer numa gruta e se igualar assim, aos mais pobres! Como a Sua Santíssima Figura se me agiganta nestes encontros e, como o meu amor por Ele ferve em arrebatamento!

Não terão água nem luz, mas têm carinho uns pelos outros e dão-me lições de humildade. □

Ano escolar

NUM Lar quase unicamente de estudantes é hora de balanço e de reflexão. O balanço dilu-lo-ia positivo sem reservas (quem me dera poder dizê-lo!) se o sucesso escolar incluisse mais visivelmente competência adquirida e o amadurecimento da personalidade. Para tal concorreria um clima de maior exigência a todos os níveis, de austeridade sem a hesitação que advem do equívoco de uma sinonímia falsa com violência. Claro que a Escola sofre influências do ambiente social em que está inserida. Mas é preciso que se assuma um baluarte de resistência para não ser levada por correntes que não encaminham para metas de educação, para uma verdadeira e fecunda cidadania.

Mas vamos ao balanço. Em oito Escolas frequentaram no ano lectivo que ora finda catorze dos nossos Rapazes. Dois não passaram: um por exclusiva falta de aplicação; o outro com a atenuante de ter vindo de Moçambique já no segundo período e estar ainda em fase de variada adaptação. Esperamos por ele no próximo ano. Na mesma Escola deste, Carolina Michaelis, dois passaram para o 11.º ano. Outro irá frequentar o 12.º ano de Jornalismo no INED — Maia. E um pouco mais além, Castelo da Maia — CICCOPN, dois estão em cursos profissionalizantes que lhes prometem o 9.º ano; e mais um, em curso ligado a Energias Alternativas, irá fazer o 11.º ano.

Na Academia Contemporânea do Espectáculo estará outro para finalizar o 12.º. Aqui é a interpretação teatral a sua grande motivação. Mas ele não pode esquecer quão difícil é um lugar ao sol no mundo das artes e tem de preparar-se com realismo para outros acessos que o 12.º ano lhe pode proporcionar... sempre na perspectiva de um lugar no palco.

Finalizaram a sua carreira de estudantes (entenda-se: exclusivamente) um em *Hotelaria-Cozinha*, dois em *Jardinagem*, ambos ao nível do 9.º ano; e mais um na área da Informática a nível 12.º ano. Quatro estreados no mercado do trabalho, que se não apresenta nada fácil. Quem sabe se entre os Leitores destas linhas não haverá alguém que lhes possa indicar pistas...

Reflectindo o que nos foi dado observar ao longo do ano, três pontos quero sublinhar:

1.º — O salto enorme que representa a passagem

da escolaridade obrigatória para o secundário. Não é apenas a complexidade dos programas que se apresentam. É a generalizada má preparação que se traz, fruto da fatalidade de que o 9.º ano todos têm que o fazer e se facilita para além do razoável.

A Escola ocupa demasiado tempo em prejuízo do trabalho de casa que seria mais personalizante e mentalizaria o aluno para a importância do seu próprio esforço na aquisição do saber. Uma grande descoberta que o surpreende ao chegar ao 10.º ano é a de que não sabe estudar. Esta organização para o estudo pessoal devia ser ensaiada mais cedo e não há nisso qualquer violência sobre a criança e o adolescente. Teria, até, mais tempo para brincar.

O risco de que este erro se prolongue, funda o nosso receio da escolaridade obrigatória até ao 12.º ano.

2.º — Os cursos profissionalizantes que dão equivalência ao 9.º ano já tiveram tempo de provar a ilusão que constituem: tudo fraco, tanto nas disciplinas académicas como na aprendizagem profissional.

É quase unânime, pelo menos nas gerações que conheceram o Ensino Técnico Profissional, o apreço pelos bons profissionais para o Comércio e para a Indústria que aquele Ensino preparava em cinco anos após o Primário. E muito razoavelmente letrados! — o que agora tão frequentemente não acontece ao fim de doze anos de escolaridade. Não será tempo de acabar com os pruridos de discriminação aristocrática que há trinta e seis anos levaram à abolição do Ensino Técnico e de voltar a ele com simplicidade e eficácia, seja qual for o nome com que pretendam preservar a unidade do Ensino após o Primário, unidade que só na diversidade é verdadeira?!

3.º — Quero ainda registar quão gratificante e construtiva me foi a convivência que mantive nestas oito Escolas com Directores de Turma dos nossos Rapazes e não só. Ocasão de desabafos mútuos que me deixaram a convicção de que ainda temos muitos e dedicados professores que vivem o seu trabalho como uma vocação mais ampla do que simplesmente ensinar: fazer da juventude de hoje válidos cidadãos para o amanhã.

E me parece que os males maiores de que a Escola enferma são os do Sistema, ideado e imposto dos Gabinetes, longe do terreno onde se desenvolve a vida.

Padre Carlos

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

TANTAS desgraças que acontecem pelo mundo, nos fazem sentir pequeninos e humildes como pó, mas importantes no nosso cada vez maior compromisso com os mais Pobres. Grandes riquezas, grandes misérias. Grandes poderes, grandes injustiças. Dizer grande é pouco, porque nunca se julgam grandes bastante aqueles que detêm o poder ou o dinheiro. Até o sol roda sobre si mesmo e ele não é a maior estrela do mundo infinito que Deus criou, mas é tal o desvario de quem sobe às alturas deste pequeno mundo, que parece que não têm tempo de pensar. Por isso nos maravilha a intuição dos humildes, como Maria de Nazaré ao proclamar que «Deus olhou para a sua humilde serva e ao declarar que derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes, saciou os que têm fome e aos ricos despediu de mãos vazias».

Não podemos deixar de sentir-nos, dentro deste programa de Deus, ao chamar o seu servo Américo a deixar as riquezas do mundo para levar a Sua riqueza aos Pobres. O que procuramos fazer aqui, embora uma gota neste oceano revolto, não é mais do que deixar o seu espírito pairar

sobre nós, descobrir os verdadeiramente humildes e em nome de Deus exaltá-los.

Ao ser convidado, há dias, para assistir, na nossa Escola Anexa da Massaca, à homenagem que quiseram fazer-lhe professores e alunos, fiquei surpreendido com esta mensagem que transcrevo:

«O Padre Américo a quem chamam de Pai, o Recoveiro dos Pobres, o Apóstolo do social, o Educador, foi um homem de convicção e acção.

O fundador da «Obra da Rua» merece ser lembrado igualmente por todo o seu esforço e inovação pedagógica e social junto dos garotos da rua que acolhia nas Casas do Gaiato e também por ter sido um «despertador» das consciências portuguesas e que a sua vinda a Moçambique constituiu também o despertar das consciências moçambicanas, angolanas e não só, desde a década de trinta até ao dia da sua morte, em consequência de um acidente de viação.

Por este magnífico e pedagógico percurso, temos a certeza de que os seus feitos vivem em cada um de nós, pois estes têm constituído a luz do horizonte na educação do garoto de hoje e em

uma e única voz dizemos: KANI-MAMBO Pai Américo».

Não sei, alguma coisa deve ter sido aprendida de algum dos seus livros ou sobre ele escritos criteriosamente por aqueles que lhe dão crédito. Ao confrontar isto com o esforço que a Obra da Rua tem feito para manter vivos a seus ensinamentos, com novos membros actuantes como padres, dá-me vontade de perguntar: Será que a Igreja de hoje acredita nos seus Santos ou estará virada para outros caminhos, de aristocracia palaciana, esquecendo-se que a Igreja é dos Pobres? Será que os nossos governantes tão distintos na linguagem como no esforço que fazem para apagar os símbolos da Fé cristã e no desrespeito pelo que é fundamental na Vida e na Família dão conta de que estão pisando brasas vivas que hão-de queimá-los?

O que é certo é que por aqui e por Angola, a Obra da Rua continua o seu percurso com actualidade e empenho, no meio deste Povo Pobre, tão simples que até já absorve os ensinamentos de Pai Américo. São os Pobres que estão a desafiar os ricos para que não sejam derrubados de seus tronos, como tão bem predisse a Virgem Pobre e simples de Nazaré. □

O ESPAÇO COMO FACTOR DE ADEQUAÇÃO E FORMAÇÃO NAS CASAS DO GAIATO

Continuação da página 1

c.) O terceiro vector é a relação Gaiato-espaço no âmbito da afectividade e das emoções. O espaço é concebido como um território emocional carregado de aspectos que despertam e enriquecem os Rapazes no aspecto afectivo, sentindo os espaços, realizando acções, comunicando e tomando decisões. O afecto e a emoção resultante dessa interconexão com o(s) espaço(s) reduz-se às relações e à organização de comportamentos que o rapaz efectua, codifica e configura no seu desempenho de tarefas e actividades. As manifestações emocionais do rapaz em relação aos outros Rapazes são o produto dos laços afectivos que vão estabelecendo (empatia, amizade).

d.) O quarto vector é o das relações ou da realidade espacial dos Rapazes nas Casas do Gaiato. A distribuição e estruturação dos espaços facilitam ou inibem determinados comportamentos relacionais entre os Rapazes e destes com o padre da rua, professores e senhoras auxiliares. Trata-se de um processo socializador do rapaz que vai pouco a pouco construindo a sua identidade, sentindo-se um elemento integrante dos espaços (comunitários), que os usa e transforma ao experimentá-los junto com os outros Rapazes, através das inter-relações. Neste sentido o espaço é o lugar que propicia 'encontro(s)', inter-relações e abertura a outros agentes socializadores das Casas.

e.) O quinto vector é o significado sociocultural do espaço (García Carrasco y García del Dujo, 2001: 305-308), a partir da inter-relação 'Gaiato-espaço'. Os actos dos Rapazes e as suas relações estão moldados pelo significado que tem o(s) espaço(s) com as inter-relações estabelecidas. De facto, o significado dos espaços de referência é interpretado sistemicamente com as estruturas organizacionais e físicas das Casas do Gaiato, que promovem o desenvolvimento educativo e a renovação dos esquemas de pensamento e de acção dos Rapazes. É neste contexto que devemos compreender a vida dos Gaiatos dentro dos espaços das Casas, numa concepção personalista e ambientalista. O espaço e as experiências que provoca são processos relacionados com os outros processos sociais, psicológicos e educativos, formando parte de uma lógica relacional que ajuda a convivência comunitária.

f.) O sexto vector é o da comunicabilidade do(s) espaço(s). Todo o acto educativo tem na comunicação a sua essência primordial do processo formativo e a possibilidade ou não de comunicação, dependendo da natureza do espaço. A promoção de uma pedagogia dialógica, no sentido de Paulo Freire, permite a mudança de atitudes e de pensamentos estabelecidos. A comunicação promove intercâmbios de mensagens, informações, diálogos e outros processos de interacção, mas cabe entendê-la em termos de percepção, de disponibilidade e capacidade dos Gaiatos para verem e sentirem a influência do ambiente na sua formação.

Por conseguinte, o Gaiato faz-se 'nos' e 'com' o(s) espaço(s), interpretando as suas necessidades e interesses comunicacionais, educacionais e sociais a partir de uma pedagogia humanista de pertença que promove a sua autonomia, a interdependência e as suas relações. Devemos, pois, conceptualmente apreciar e valorizar o(s) espaço(s) físico-natural, social, cultural e humano das Casas do Gaiato, principalmente os que determinam formas de ver e fazer a educação.

O valor educativo de cada espaço dentro das Casas converte-o num elemento activo e decisivo no momento de avaliar os processos educativos de cada uma das Casas do Gaiato. Há, pois, uma relação entre o 'Gaiato' e a prática educativa institucional. Neste sentido a pedagogia dos espaços redescobre os entrelaços vivos que suportam as inter-relações estabelecidas entre os Gaiatos e as Casas.

Ernesto Candeias Martins

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

O encontro com filhos que cresceram na Casa do Gaiato e, agora, vivem com a sua família, é dos momentos mais felizes da Festa. Estou a lembrar-me do Paulo, com 57 anos de idade. A esposa, os filhos e os netos, estiveram presentes. Conversámos, juntos, durante muito tempo, sentados à mesma mesa, a saborear o almoço festivo. Outros, da mesma época, telefonaram a partilhar a sua alegria e a pena de não poderem estar presentes. É, na verdade, um momento forte de rejuvenescimento e de fortalecimento da esperança. Estas horas são necessárias na vida de cada um de nós. Na vida dos pais e dos irmãos, também. As provações, de sinal contrário, abundam, na hora presente. Por isso, os sinais visíveis duma colheita humana rica, depois duma sementeira adubada com o sofrimento, o sacrifício, animam-nos a continuar até ao fim. O educador que vive da força do amor que aquece a sua vida é semelhante ao sementeiro que lança a semente à terra e acredita que o seu trabalho não é em vão. A paciência é uma nota que caracteriza o seu trabalho.

A pessoa de Pai Américo está muito presente. Ajudar cada rapaz a ser um homem foi a herança que nos deixou. É interessante: Há momentos, em conversa com um dos meus rapazes, perguntava-lhe o que desejava fazer para se preparar para a vida. «Quero aprender um ofício». Nos tempos livres do estudo e das aulas, a partir de amanhã, vai começar. Prometeu dar toda a sua colaboração. Sem ela, nada. □